

Cartografias do corpo na literatura trans: território e identidade na obra “O parque das irmãs magníficas”, de Camila Sosa Villada

Maria Helena Lustosa Fernandes¹

INTRODUÇÃO

Visando a emancipação cultural dos povos latino-americanos, a teoria da ética da libertação organiza uma discussão acerca da transmodernidade, uma filosofia decolonial, elencada por Enrique Dussel (2016), que pensa a cultura das periferias. A princípio, a Modernidade é vista como algo positivo apenas para o sistema mundo euro centrado, porque reflete apenas uma parte que não inclui a periferia, pois representa a cultura do centro sistema-mundo. Para as culturas pós-coloniais se descolonizarem é preciso se autovalorizar, ou seja, a autovalorização da ancestralidade, da liberdade, tendo em vista que a libertação cultural passa pelo povo (DUSSEL, 2016).

A Transmodernidade indica os aspectos que se situam além das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna em um movimento transversal, o qual indica que o movimento se dá a partir da periferia para a periferia (DUSSEL, 2016). Desse modo, a crítica transmoderna é necessária para o estudo das narrativas e poéticas latino-americanas contemporâneas, pois se inserem da periferia ao centro.

Diante desse contexto da literatura produzida na América Latina, visando o movimento da periferia ao centro, destaca-se Camila Sosa Villada, autora travesti argentina, que nasceu na cidade de La Fralda. Na Universidade Nacional de Córdoba, formou-se em Comunicação Social e Teatro. No ano de 2009, estreou seu primeiro espetáculo como atriz, *Carnes tolendas: retrato escénico de un travesti*. Imersa em vários trabalhos nos palcos, no cinema e na televisão, começou a dedicar-se à escrita. É autora das seguintes obras: *El viaje inútil*; *La novia de Sandro*; *Tesis sobre una domesticación*; *Soy una tonta por quererte* e *O parque das irmãs magníficas (Las malas)*, que foi traduzido para vários idiomas. Aclamado pela crítica e sucesso de público, o livro ganhou o prêmio literário Sor Juana Inés de la Cruz (2020).

O livro *O parque das irmãs magníficas (Las Malas)* aborda um universo que, até os dias atuais, é pouco abordado na literatura, o das travestis. A narrativa retrata um grupo de travestis da cidade de Córdoba, na Argentina, e traz aspectos angustiantes da existência e da resistência da travestilidade. Esta desnuda-se de várias formas profundas, englobando aspectos pungentes que habitualmente marcam a existência das travestis: a vulnerabilidade e precariedade no exercício da prostituição; a violência sempre presente; intervenções corporais feitas das mais

¹ Mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: maria.hlf@hotmail.com

diversas formas e a presença latente da morte. Villada traz as formas marcantes de [sobre]vivência das travestis em um mundo que parece estar cada vez mais ávido em vê-las mortas.

Historicamente, o grupo das travestis é marginalizado, sua existência e resistência é uma realidade recriminada pela sociedade. Sabe-se que desde a década de 1960, as femininas negras, lésbicas, transexuais e travestis buscam, de forma reforçada, abarcar as mulheres dentro das múltiplas opressões: raça/etnia, gênero, classe, nacionalidade, sexualidade/orientação sexual, entre outros (NASCIMENTO, 2021).

Considerando esse contexto, de uma literatura latino-americana, uma narrativa sobre um grupo de travestis, de autoria de uma travesti, a vivência desses corpos e os espaços que estes transitam, temos como objetivo geral analisar a constituição e apresentação dos corpos travestis, identidade e território no romance *O Parque das Irmãs Magníficas*, da autora argentina travesti, Camila Sosa Villada.

Para isso, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos da teoria da ética da libertação, uma filosofia decolonial, elencada por Enrique Dussel (2016), pois sua teoria nos permite desenvolver a consciência reflexiva que presentifica as poéticas produzidas no contexto latino-americano, tendo em vista que a crítica transmoderna é necessária para o estudo das poéticas e narrativas latino-americanas contemporâneas, que estão inseridas da periferia ao centro. Assim como, nos baseamos nos conceitos da contrassexualidade, de Preciado (2019), segundo os quais, no âmbito do contrato contrassexual, o corpo é entendido como enunciação, e não pelo sexo; em Josefina Ludmer (2013), que especula o mundo como espaço que atravessa a literatura, com o intuito de ver os territórios da imaginação pública.

Para realizar nossa análise, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico, possuindo como foco a crítica decolonial e transmoderna. Corroborando o conceito de Amorim (2003) de que “uma boa compreensão de um texto pode surgir da leitura que fazemos das relações que o texto e o contexto estabelecem, uma vez que o texto já contém, em si, uma leitura dos contextos com que está relacionado” (p.67), para embasar e ampliar nossa compreensão e relações do texto narrativo com os contextos que se estabelecem, usaremos os aportes teóricos dos seguintes estudiosos: DUSSEL (2016); LUDMER (2013); PRECIADO (2019;2022); NASCIMENTO (2021); HOLLANDA (ORG.) (2019;2020).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Uma perspectiva decolonial e transmoderna

Tendo em vista as perspectivas decolonial e transmoderna, é relevante começarmos a discutir sobre a Modernidade que, a princípio, é algo positivo, porém, não abarca todas as especificidades das mais diversas culturas, assim como, não inclui a periferia, pois representa a cultura do centro sistema-mundo.

A Modernidade teve força com a atividade de poder de determinados grupos sobre os corpos e vidas dos outros, fundamentando assim a repressão. Como um processo de investimento, surgiram as tecnologias, que determinam aqueles que poderiam viver e morrer. De acordo com Dussel, “A cultura ocidental, com seu evidente “ocidentalismo”, alocava todas as demais culturas como mais primitivas, como pré-modernas, tradicionais e subdesenvolvidas” (DUSSEL, 2016, p.59).

Todavia, as culturas universais assimétricas estão vivas, não morreram, e, na atualidade, estão em seu processo pleno de renascimento, em busca de novos caminhos para seu desenvolvimento. Essas culturas não podem ser “pós”, mas sim, pré-modernas, porém, sendo contemporâneas à Modernidade, logo serão "transmodernas". Para Dussel (2016), o pós-modernismo é a etapa final da cultura moderna euro-americana, o “centro” da Modernidade.

Desse modo, visando a emancipação cultural dos povos latino-americanos, temos o conceito de “transmoderno”, o qual

indica essa novidade radical que significa o surgimento – como se a partir do nada – da exterioridade, da alteridade, do sempre distinto, de culturas universais em desenvolvimento, que assumem os desafios da Modernidade e, até mesmo, da pós-modernidade euro-americana, mas que respondem a partir de outro lugar, do ponto de vista de sua própria experiência cultural [...] (DUSSEL, 2016, p.63).

Assim, ““Transmodernidade” indica todos os aspectos que se situam “além” (e também, cronologicamente, “anteriores”) das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna, e que atualmente estão em vigor nas grandes culturas universais não europeias” [...]. (DUSSEL, 2016, p.63). Considerando o contexto da América Latina, podemos refletir acerca das dificuldades que os escritores latino-americanos enfrentam em dialogar e divulgar a cultura literária. Dessa forma, a crítica transmoderna é necessária para o estudo das narrativas e poéticas latino-americanas contemporâneas, pois se inserem da periferia ao centro.

Em face dessa discussão, temos o romance de Villada, uma travesti latino-americana, com uma temática sobre a vivência de um grupo de travestis, acreditamos que “As travestis anseiam por nova linguagem que ofereça condições para que se vejam por outras lentes e por outros ângulos. Sair dos espaços onde seus corpos são objetos para outros nos quais seus corpos são belos e seus desejos se mostram legítimos” (PEREIRA, 2020, p.103).

Movimento queer na América Latina

Refletindo acerca do espaço de pertencimento do corpo travesti, é relevante discutirmos o movimento *queer* na América Latina. No livro *Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global*, de Heloisa Buarque de Hollanda (org.), há diferentes autores que trazem concepções sobre o movimento.

Uchoa (2020), acredita que há uma questão de poder, onde a sociedade se impõe de forma violenta sobre os corpos das travestis para marcar o território do gênero, o que resulta na exclusão nos diversos âmbitos (social, econômico, político), assim, a cidadania acaba sendo um mecanismo para excluí-las (UCHOA, 2020). A autora define cidadania como:

[...] os processos que produzem uma pessoa como parte de um grupo social, as coisas que a fazem sentir parte de tal grupo, e as que fazem a sociedade vê-la como parte desse grupo. Muitas vezes, hoje em dia, o grupo social é tomado como um Estado-nação, mas a cidadania não é exclusiva para os sujeitos dos Estados-nações. Dessa maneira, para ter uma cidadania, precisamos de mais que um passaporte ou uma carteira de identidade, precisamos da sensação de pertencimento (UCHOA, 2020, p.140).

Desse modo, a participação social é negada, os direitos como cidadãs ou seres humanos são violados, pois não há a sensação de pertencimento para as travestis.

Para Gargallo (2020) não há um movimento *queer* latino-americano, pois a autora elenca que todo movimento necessita ter uma identidade e um esquema de diferenciação; existem grupos pequenos e indivíduos que acreditam que, se algo se torna instituído em determinado lugar, é necessário se mudar, ou seja, caminhar permanentemente o não lugar do pertencimento. Na América Latina usa-se o termo *queer* para falar de sexos esquisitos, como uma forma de “termos bonitos”, “onde não existem putas, nem bichas, nem sapatonas, ainda que haja de tudo um pouco, sem pornografia, e com um mercado turístico, antrópico e hoteleiro que paga impostos e não ocupa as ruas” (GARGALLO, 2020, p.64).

Já Pereira (2020), levanta questionamentos para entender se o movimento *queer* poderia estar repetindo o que é propagado no Norte global, que seria mais uma teoria do centro para as periferias, e assim, se reinscrevendo, noutras cores, o divisor centro–periferia. Desse modo, o autor alerta sobre as indagações acerca das potencialidades do queer nos trópicos.

Podemos então falar de reapropriações e de reconversões na construção dos corpos queer – uma reapropriação das disciplinas dos saberes/poderes sobre os sexos e uma rearticulação e reconversão das tecnologias da produção dos sexos. Os corpos queer se rebelam contra a própria construção de corpos normais e anormais, subvertendo normas de subjetivação vigentes. O queer promove, então, uma virada da força performativa dos discursos na reapropriação das tecnologias de produção de corpos anormais e entra no cenário atual como proposta de transformação na circulação dos discursos e na mutação dos corpos. É nesse lugar de deslocamento e reconfiguração que o queer se coloca (PEREIRA, 2020, p.91).

Breve contextualização da obra

A narrativa de Villada engloba os elementos do romance, da ficção, da autoficção e do realismo mágico. A travesti Camila é a narradora na primeira pessoa (“eu”) da história, que aborda as vivências de sua vida e dos que a cercam, trazendo memórias de sua infância e do seu momento presente.

O parque Sarmiento (Buenos Aires) é um lugar de grande importância, tendo em vista que é neste local que são narradas as experiências do grupo das travestis, além do fato do próprio título traduzido para o português ser “O parque das irmãs magníficas”, o original é *Las Malas*. O parque não é apenas um lugar, mas uma personagem viva.

Na obra de Villada temos diversas personagens travestis, que são tidas como irmãs, o que reflete uma forma de inovação no universo literário, o amor travesti nos diversos âmbitos, tem-se a personagem de Tia Encarna, que é como uma grande mãe para todas do grupo, é a mais velha, ela também adota um bebê, o Brilho dos Olhos. E as demais irmãs de Camila são: Angie, a travesti mais bela de todas, que acredita que ser travesti é uma grande festa; Sandra, a travesti triste, melancólica, sempre sofrendo; Laura, que não é travesti, mas é prostituta e vive no grupo; Nadina, que é enfermeiro durante o dia e à noite é uma travesti prostituta; Maria, que não fala, é nomeada como *surda-muda* e no decorrer da narrativa, torna-se pássaro, sofre uma metamorfose e Natalí, que nas noites de lua cheia se torna lobisomem, ou “lobiscate” como diz Camila.

Diante de tantas vivências narradas na obra, a presença das personagens no parque Sarmiento e as formas que elas adquirem para viver ou sobreviver no mundo, buscamos refletir sobre o território e identidade na obra de Villada.

A especulação dos territórios e identidades – cartografias dos corpos

Josefina Ludmer (2013), especula os territórios e identidades, concebendo o mundo como espaço que atravessa a literatura, com o intuito de ver os territórios da imaginação pública, buscando enxergar os corpos que cruzam e se movimentam, vendo seus sujeitos, visando a imaginação das políticas territoriais, que são as das crenças e afetos, da nação, da ilha urbana, do império e da língua.

“Território” é uma delimitação do espaço e uma noção eletrônica-geográfica-econômica-social-cultural-política-estética-legal-afetiva-de gênero-e-de sexo, tudo ao mesmo tempo. Atravessa os diferentes campos de tensão e todas as divisões, podendo se pensar em fusão. Especular em fusão é apagar as oposições, usando uma

das linguagens (a literária, por exemplo) com implicações nas outras (LUDMER, 2013, p.110).

Desse modo, compreende-se que os corpos são anexos ao território, assim, o território é visto como uma organização do espaço por onde perpassam corpos, uma interseção de corpos em movimento, que pode ser visto através das ficções. Levando em conta esses aspectos, no romance de Villada observamos uma literatura reinventada na travestilidade, apresentando os movimentos das *corpas* travestis nos espaços.

Se alguém quisesse fazer uma leitura de nossa pátria, dessa pátria pela qual juramos morrer em cada hino cantado nos pátios da escola, essa pátria que levou vidas de jovens em suas guerras, essa pátria que enterrou gente em campos de concentração, se alguém quisesse fazer um registro exato dessa merda, deveria, então, ver o corpo da Tia Encarna. *Somos isso como país também*, o dano sem trégua contra o corpo das travestis.

A marca deixada em determinados corpos, de maneira injusta, casual e evitável, essa marca de ódio (VILLADA, 2021, p.26) (*grifos nossos*).

Grande parte da narrativa acontece no Parque Sarmiento (Buenos Aires), é o lugar onde o grupo das travestis se encontram e trabalham. De acordo com Ludmer (2013, p.117), “As cidades latino-americanas da literatura são territórios de estranheza e vertigem, com cartografias e trajetos que delimitam regiões, linhas e limites, entre fragmentos e ruínas”. No romance de Camila, vemos aspectos que retratam estranheza, sobretudo, a violência; e cartografias que mostram a segregação ou limites.

O Parque Sarmiento se encontra no coração da cidade. Um grande pulmão verde, com um zoológico e um parque de diversões. À noite, torna-se selvagem. As travestis esperam sob os ramos ou em frente aos automóveis, passeiam seu feitiço pela boca do lobo, diante da estátua de Dante, a histórica estátua que dá nome à avenida. (VILLADA, 2021, p.17).

Além de um espaço físico, o parque também é um lugar afetivo, uma personagem dentro do romance. Como narra Camila:

[...] ao perder o Parque, perdemos a rede de proteção que funcionava para nós, mas só pelo mero fato de estarmos ali todas juntas, para nos defendermos em caso de ataque, para fornecermos clientes àquelas que não tinham trabalho, para acertamos a maquiagem ou dividirmos a garrafa de gim ou simplesmente conversarmos quando o frio e a desolação eram insuportáveis (VILLADA, 2021, p.178).

A contrassexualidade – reconhecimento dos corpos

A teoria de Preciado (2022), traz conceitos da contrassexualidade, que é “uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocêntrico, cujas

performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas” (PRECIADO, 2022, p.32).

Tia Encarna nos dizia que o menos importante do mundo era o pau dos homens. Que tínhamos o nosso próprio entre as pernas e podíamos nos agarrar a ele quando atravessássemos momentos de carne fraca. Que era preciso trabalhar para nós mesmas, não para pagar agradinho ao bofe. E que, quando nos deitássemos com um bofe escândalo (que era como a gente chamava com quem trepávamos por prazer, e não por dinheiro), o fizessemos pagar de alguma maneira pelo nosso corpo” (VILLADA, 2021, p.32).

No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos como corpos falantes e também reconhecem os outros como falantes, não como homens ou mulheres (PRECIADO, 2019). Nesse contexto, surge a tecnologia sexual, que implica na criação de uma tecnologia para o próprio corpo, ou seja, ter poder ou se apropriar do seu próprio corpo.

Nesse aspecto, no romance, há dois personagens interessantes que nos fazem refletir acerca do nosso olhar e a representação desses sujeitos, Nadina (que é homem enfermeiro durante o dia e durante à noite é uma travesti prostituta) e Laura, que era a única "mulher biológica" e estava grávida de gêmeos, tornou-se mãe. Segue uma parte da personagem Camila narrando seu olhar sobre a relação de Laura e Nadina:

Nadina se encarregava de tudo, a mãe se recuperava pouco a pouco da loucura do parto, as travestis iam para o trabalho e deixavam a casa em silêncio. No começo do segundo mês, nasceu entre Laura e Nadina o romance mais natural e respeitoso que nossos olhos já tinham visto. Nadina se meteu no coração da mãe pela via sanguínea, toda vez que aparecia para ela vestida de enfermeiro: alto, silencioso, um homem capaz de falar em três idiomas com uma parcimônia de onnagata, um ator encarnando papel feminino. Ficou vivendo com a gente como quem não quer nada com a coisa. Laura tinha se enamorado do enfermeiro, mas também da companheira de estrada, que vinha no mesmo corpo.

Acostumada aos homens, à doentia paixão pelas braguilhas, Nadina de início parecia se negar àquele sentimento que se aninhava em sua garganta e na boca do estômago. O que se pode fazer com a certeza de que o olhar do outro diz a mesma coisa que o nosso, que é possível por um momento amar alguém, que é possível se salvar, que a felicidade existe? Como alguém como Nadina poderia saber, alguém que recebera amor somente de machos espancadores, que a ternura e a suavidade de um amor como o que Laura oferecia podiam existir? Contudo, a presença de Laura e dos bebês foi mais eloquente, e o improvisado José que chegou à vida deles se entregou por completo a eles, e tudo mudou para melhor". (VILLADA, 2021, p.52-53).

Os filhos de Laura receberam o nome de Nadina, ainda na página 53, Camila nos relata da seguinte forma:

Nereo e Margarita. Ambos receberam o nome de Nadina, que os reconheceu diante da lei como pai. Nadina tampouco voltou ao Parque. Dedicou-se a cuidar de velhos moribundos, como enfermeiro. Pelas noites, aquelas duas mulheres deitavam-se na cama com os bebês no meio e assistiam à novela e falavam de nós, que tínhamos ficado no Parque, e diziam: amanhã vamos convidá-las para jantar.

Nenhuma das que acreditávamos conhecer Nadina e saber tudo das travestis tínhamos palavras para sua história com Laura. Não queríamos nem imaginar como tinham relações, só de pensar em uma vagina ficávamos enjoadas, sentindo calafrios

de rejeição. Porém elas se amavam todas as noites; não sabíamos o segredo, mas sabíamos que era assim, pelo saudável aspecto que exibiram na cútis e no cabelo (VILLADA, 2021, p. 53).

Nesses fragmentos, é possível olharmos o outro enquanto sujeito do discurso, visando que a contrassexualidade discute as categorias fixas de gênero e promove uma reflexão sobre gênero como performance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante ressaltar que este estudo é um recorte de uma pesquisa que, até o presente momento, se encontra em andamento. Desta forma, ainda há muito mais elementos a serem explorados dentro da narrativa por meio do viés teórico abordado neste trabalho.

Sabemos que é de extrema importância a apropriação da linguagem, da fala e da escrita, para que com o poder das palavras haja a construção de um mundo com lugares de pertencimentos para os corpos travestis. A autora Camila Sosa Villada tem uma escrita bastante potente e voraz, abordando o universo das travestis de várias formas, ora trazendo as dores e violências de maneira crua; ora trazendo as delícias, de forma leve e poética. Mas sempre ecoando as vozes de suas irmãs.

A obra *O parque das irmãs magníficas* nos faz refletir sobre os espaços que as travestis ocupam, no mundo e na literatura, Villada nos provoca a viver “a festa que é ser travesti”, assim como as dores e a resistência, por meio do poder da sua escrita, reinventando a literatura a partir da travestilidade, sendo sua obra uma maneira de inserção para a cultura travesti, pois as mulheres transexuais e travestis necessitam lutar para terem aceitação nos mais diversos espaços sociais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, José Edilson de. Leitura, análise e interpretação. *In*: PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

BERCHEZ, Amanda. O parque das irmãs magníficas ou sobre uma poética do destrato. **Revell - revista de estudos literários da UEMS**, v. 2, n. 32, p. 32–52, 2022. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/7022>. Acesso em: 07 fev. 2023.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, v.31, n.1, p. 51-73, 2016. Disponível em:

<https://www.gestaoesaude.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6079>. Acesso em: 05 fev. 2023.

GARGALLO, Francesca. O pensamento queer existe ou se manifesta de alguma maneira na América Latina. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 59-65.

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina**: uma especulação. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

OCHOA, Marcia. Cidadania perversa: divas, marginalização e participação na “localização”. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 135-157.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 89-110.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. O que é contrassexualidade?. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 411-419.

VILLADA, Camila Sosa. **O parque das irmãs magníficas**. Tradução de Joca Reiners Terron. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2021.

WETZEL, Agustina Galligo. Formas de la aparición en Las Malas de Camila Sosa Villada. **Revista Landa**, v.8, n. 2, p. 51-78, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/209078/3-%20Formas%20de%20la%20aparici%C3%B3n%20en%20Las%20Malas%20de%20Camila%20Sosa%20Villada%20por%20Agustina%20Wetzel%20%281%29.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2023.